

Áreas emergentes e ferramentas especializadas: tradução e tecnologia em revista

Diana Santos e Cláudia Freitas*

Foi com grande prazer que aceitamos o convite para editar o presente volume da Tradução em Revista.

Dado o nosso trabalho em Processamento (automático) de linguagem natural (PLN) e Linguística Computacional (ou Engenharia de Linguagem) pensamos que seria natural organizar um volume associado a Tradução & Tecnologia em sentido lato, embora também tivesse sido possível, dados os nossos interesses e experiência, focar a vertente dos corpos/corpora, ou mais geralmente os estudos empíricos de tradução (Santos 2004). Para isso esboçamos uma chamada alargada, e convidamos especialistas em várias áreas da tradução, não só lusófonos, mas também de outras universidades e áreas linguísticas (nomeadamente o inglês e o espanhol), para colaborarem como pareceristas.

Podemos indicar que a nossa expectativa, por certo ambiciosa – e daí a diversidade da comissão de pareceristas – era a de que poderíamos receber artigos em áreas tão diversas como a avaliação automática de traduções; o uso de ferramentas especializadas, como seguidores do olhar (*eyetracking*), para estudar o processo de tradução; o impacto das gerações tecnológicas na perspectiva que têm sobre a tradução; o estudo da comunicação entre autores, tradutores e editores, num mundo com sistemas de versão eletrônicos (“mostre as alterações”); além de artigos mais tradicionais como os desafios na tradução de terminologias ou de textos de novas tecnologias; avanços na tradução automática; estudos empíricos de traduções feitas com sistemas computacionais especialmente desenvolvidos, ou de descrições de casos em

* Diana Santos é professora e investigadora da Universidade de Oslo e da Linguateca; Cláudia Freitas é professora e investigadora da PUC-Rio.

que a utilização de tecnologia na tradução foi importante (ou provou ser, pelo contrário, penalizadora).

Mas a realidade encarregou-se de nos mostrar que haveria ainda outras formas de encarar o tema Tradução & Tecnologia (por exemplo, a formação de tradutores), e que uma chamada tão vasta foi provavelmente inibidora para as áreas especializadas que já têm os seus canais específicos. Ou seja, se já existem tantas conferências sobre tradução automática, ou sobre estudos contrastivos baseados em corpos/corpora paralelos, por que enviar um artigo nessa área para um volume de cunho generalista? Talvez este ponto tenha contribuído para termos recebido, primordialmente, artigos em áreas nas quais (ainda) não existem comunidades especiais a elas dedicadas, como a tradução de jogos eletrônicos (*videogames*) ou de legendagem, ou a criação de ferramentas específicas para estudar a tradução, além de algumas interessantes descrições do dia a dia de um tradutor e suas necessidades ou falhas em relação à tecnologia. Tivemos que escolher entre 14 artigos, e o volume é a seleção dos pareceristas. Uma breve descrição dos artigos aceitos virá a seguir.

Por isso, poderíamos chamar este volume de *Tradução e Tecnologia: áreas emergentes e ferramentas especializadas*. Se fosse um livro que estivéssemos a organizar sobre tradução e tecnologia, teríamos indubitavelmente de incluir um leque de temas muito mais abrangente. Essa é a diferença entre um volume dedicado, planejado de cima para baixo, e uma chamada aberta. Isso não quer dizer que não estejamos muito gratas aos autores que nos brindaram com a sua experiência e conhecimento, e que permitiram a publicação deste volume, que, esperamos, dará um bom contributo para enriquecer o panorama dos estudos de tradução lusófonos.

É importante salientar que nós não quisemos, como editoras, intervir, funcionando como uma espécie de “big brother” que pela sombra altera ou faz decisões que não estão nas regras do jogo, e por isso nunca pusemos em causa os veredictos dos pareceristas, mesmo quando deles discordamos.

Convém também referir que propusemos uma comunicação aberta entre os pareceristas e os autores, de forma a que sejam claros os porquês da aceitação ou rejeição dos trabalhos, e por quem. Todos os autores receberam

dois (em alguns casos, três) pareceres assinados, e todos os pareceristas leram também o(s) outro(s) parecer(es) relativos ao artigo em causa. Como pareceristas, tiveram levantado o véu do anonimato e lhes foi dado o poder soberano de escolher sobre que assuntos comentar, bem como escolher quais as facetas mais relevantes para aceitar ou rejeitar. Isto para nós foi uma forma de garantir que cada artigo seria avaliado pelo que apresentava, e não por um formulário, a princípio, uniformizador. Estamos convencidas de que, dada a extrema variedade de estilos e tipos de artigos recebidos, essa foi uma decisão acertada. Contudo, estamos conscientes de que os próprios pareceristas eram muito diferentes entre si. Mas não abusamos em nenhum caso do nosso poder de editoras, e esperamos que todos – autores e pareceristas – tenham ganhado algo com a experiência, como nós ganhamos.

Tradução e tecnologia: alguns comentários

A tecnologia (de *techno*, arte em grego antigo), capacidade de criar instrumentos que multiplicam o poder do nosso corpo – e do nosso espírito – é algo que é inerente ao ser humano e nos distingue dos outros animais. Existe na filosofia (ver Ferré (1995) sobre filosofia da tecnologia) toda uma literatura sobre a relação entre a técnica e a arte, e também sobre a teoria e a prática, ou a reflexão e a experiência. A palavra “tecnologia” parece ser um vocábulo relativamente moderno que enaltece o saber-fazer como uma ciência (pelo sufixo *-logia*), mas na prática corresponde (na linguagem do homem e da mulher comuns) aos resultados da ciência: aviões, celulares, cadeiras de rodas elétricas... Tecnologias tão importantes como o barco à vela, ou o para-raios, não são sequer consideradas, ou melhor, denominadas, como tecnologia. Porque são antigas. Enquanto o Twitter, que é a continuação da escrita, é considerado uma “tecnologia”.

A tradução é uma tecnologia (no sentido de ser um instrumento para multiplicar o poder da nossa comunicação), e é talvez uma das mais antigas tecnologias do mundo (depois da língua), veja-se por exemplo o livro de Steiner (1992). Mas talvez por ser tão importante e básica, é vista pela generalidade do público apenas como mais uma técnica, uma “arte” ou “ofício” em que alguns são treinados (mas que na realidade qualquer um faz). Veja-se

Wylter (2003) para uma excelente panorâmica da tradução no Brasil, e Assis Rosa (2006) para o panorama português.

Tradicionalmente, a tradução foi considerada um expoente das humanidades e das Letras, enquanto a ciência (e depois a tecnologia) se dedicavam ao mundo físico... até que, com o advento dos computadores (ou melhor, máquinas gerais que poderiam tratar de, ou ajudar, qualquer tarefa), se começou a pensar em abarcar também a língua, a tradução, o conhecimento. E aí foi talvez o primeiro choque: levar um homem à Lua é mais fácil do que traduzir *Le Petit Prince* de Saint Exupéry? (Kay et al., 1994, Santos, 1999). E enquanto temos sondas em Marte e outras naves que já saíram do sistema solar, e temos engenharia genética que altera as propriedades ao nível molecular do que comemos, ou intervenções cirúrgicas totalmente robotizadas, continuamos a não conseguir, na maior parte dos casos, automatizar tarefas linguísticas que uma criança de cinco anos executa sem pestanejar.

Na realidade, e no que respeita à tradução, o seu estudo veio demonstrar que é talvez a atividade (intelectual) mais complexa que o ser humano – constantemente – executa. E que a tradução é ou pode servir como modelo de muitas outras atividades relacionadas com a cultura e com o poder. Veja-se a esse respeito a admirável obra de Boaventura Sousa Santos (2014) e o seu uso da tradução como metáfora para o diálogo intercultural.

Desde o início dos estudos de tradução, várias tendências têm influenciado o interesse dos estudiosos. Após uma atenção inicial à linguística (que, evidentemente, permanece, mas não como foco principal), houve outros dois focos que nos parece importante salientar no contexto deste volume: o primeiro, que mais uma vez continua atualíssimo, é o foco cultural, em que a atenção foi dedicada à atitude em relação a outras culturas que diferentes modos de traduzir espelham – por exemplo, despolitizar afastando e tornando antiquado, ou domesticar de acordo com os estereótipos da cultura de destino (embora o primeiro a formular e discutir esta dicotomia tenha sido Schleiermacher (1813), foi decididamente Venuti (1995) que a colocou na ordem do dia nos estudos de tradução modernos). O segundo, a que chamaremos de foco sociológico, que se centra na sociedade como um todo: quem escolhe o que traduzir e como apresentar, quais são os atores que

determinam a existência (ou não) de um determinado produto/obra nas bancas? (os chamados estudos de recepção, ver Snell-Hornby (2006).) Mas repare-se: estes estudos são – e isso é criticado, por exemplo, por Belinda Maia, nossa entrevistada, – majoritariamente feitos sobre (a tradução das) obras literárias. Uma bula de um medicamento ou instruções de como montar isto ou aquilo não são geralmente objeto de estudo ou de problematização, embora constituam objeto de tradução.

Quando se fala em tecnologia de tradução (Santos, 2007), ainda se está quase exclusivamente no foco linguístico. Como, a partir *certas* palavras/textos/sentenças, chegar a outras? Contudo, e embora minoritariamente, também têm sido objetos de estudo – embora nos departamentos de informática ou psicologia, e agora nos estudos de mídia – a interface, o estilo das páginas, as cores, as imagens. Que fazem, afinal de contas, cada vez mais diferença – como tivemos a possibilidade de mostrar no ImageCLEF e no GeoCLEF, avaliações conjuntas multilíngues de recuperação de informação de imagens ou geográfica no âmbito do CLEF (Rocha & Santos, 2007, Santos & Cardoso, 2008). Não se traduz (ou se deve traduzir) apenas o texto/as palavras/as legendas, a explicação em língua. Já há muito que as editoras sabem disso e fazem portanto capas (e ilustrações) adaptadas ao seu mercado. Contudo, e isto é uma observação interessante, depois de um afã de localização voltou, ou apareceu, um afã de globalização, com as multinacionais insistindo em nomes “padronizados” (veja-se os filmes antigos de Walt Disney, em que os nomes dos personagens em cada país eram nomes tradicionais, como *Branca de Neve*, ou *Huguinho, Zezinho e Luisinho*), e a (nova) tendência de os tradutores não traduzirem os nomes próprios, mesmo quando Harry e Hermione são impronunciáveis em português. Por outro lado, a preocupação com a localização no contexto dos jogos eletrônicos pode nos brindar com soluções criativas para os nomes próprios, como nos mostra o artigo de Michel Teixeira, neste volume.

Mas, voltando à prática, na prática a coocorrência das palavras “tradução” e “tecnologia” fará com que boa parte das pessoas esqueça que tradução é uma tecnologia, e que a tecnologia é, em última análise, uma tradução – daquilo que se fazia com as mãos e passou a se fazer com instrumentos

–, e ficará focada nas duas coocorrências mais comuns: tecnologia da tradução, ou seja, tradução automática, ferramentas de apoio à tradução, tradução assistida pelo computador; ou tradução da tecnologia, uma tradução técnica. Extremamente importante e ubíqua, esta última é claramente o parente pobre dos estudos de tradução. De fato, nenhum dos artigos que recebemos para este volume se referia a este assunto, embora por exemplo Santos (2007) e Santos (2017) insistam nas semelhanças entre tradução literária e tradução técnica, ambas igualmente interessantes.

Conteúdo do volume

Abrimos o presente volume com uma entrevista exclusiva da pesquisadora e professora de tradução Belinda Maia. Optamos, assim, por iniciar com retrospectivas, conselhos e expectativas de uma entusiasta e precursora da relação entre tradução e tecnologia no mundo lusófono. Em sua entrevista, Belinda dialoga abertamente com o artigo de Mark Shuttleworth, que apresentamos em seguida, e tem como foco a presença da tecnologia na formação de tradutores.

Dando continuação ao volume, elencamos artigos que tratam do desenvolvimento de recursos tecnológicos para fazer e para investigar a tradução.

Em “Questões de alinhamento e anotação semântica em um corpus de traduções inglês \leftrightarrow português: o CorTrad”, Stella Tagnin, Jamilly Brandão e Camila Barcaro abordam os desafios envolvidos no acréscimo de obras de James Joyce e Lewis Carroll à parte literária do CorTrad, um projeto de corpora paralelo inglês-português. Especificamente, as autoras detalham procedimentos de revisão do alinhamento e da anotação semântica, relativa aos campos da cor e do corpo humano. Barbara Ramos e Maria Alice Gonçalves Antunes fazem um levantamento de corpora de aprendizes de tradução (CAT), e apresentam o processo de elaboração do CATUERJ bem como seus potenciais usos. Anabela Barreiro e Cristina Mota, partindo da ideia de que paráfrases facilitam sistemas de tradução automática, apresentam o e-PACT, um corpus paralelo de português de Portugal e do Brasil, que por sua vez integra o projeto eSPERTO, um sistema de geração de paráfrases. No ar-

tigo “A semiautomação da legendagem em *How to get away with murder*: analisando possíveis efeitos no trabalho do tradutor”, Érika Nogueira de Andrade Stupiello e Ana Clara Azedo Oliveira realizam um estudo sobre o impacto de sistemas de memória de tradução para traduzir legendas, tendo em vista a produção de tradutores profissionais e de tradutores em formação.

O último bloco de artigos é dedicado à tradução de jogos eletrônicos (ou *videogames*, ou ainda *videojogos*). Michel Teixeira descreve o cenário atual da tradução de jogos eletrônicos, para em seguida abordar os principais desafios e algumas soluções na tradução de videogames, tomando por base a tradução do jogo *World of Warcraft*. O artigo se encerra com o reconhecimento de que jogadores de videogames são um público consumidor de traduções com um perfil um tanto específico, que discute publicamente em fóruns e redes sociais a qualidade da tradução. E é justamente a recepção da tradução pelos jogadores de videogames o tema do artigo de Marileide Dias Esqueda e Bárbara Coelho Melo. As autoras apresentam a tradução do ponto de vista dos usuários dos jogos eletrônicos, sem perder de vista a sempre pertinente questão relativa à necessidade de tradutores serem especialistas (ou quase-especialistas) – nesse caso, jogadores – naquilo que traduzem.

Desejamos a todas/os uma ótima leitura e esperamos que se sintam estimuladas/os a explorar o ainda tão fértil campo da tradução e seus diálogos com a(s) tecnologia(s).

Referências

- ASSIS ROSA, Alexandra. "Does translation have a say in the history of our contemporary linguacultures? Some figures on translation in Portugal." *Polifonia* 9, 2006, p. 77-94. Disponível em: http://alexandra.assisrosa.com/HomePage/Publications_Publicacoes_files/AssisRosa2006a.pdf
- FERRÉ, Frederick. *Philosophy of technology*. University of Georgia Press, 1995 [1ª edição, 1988, Englewood Cliffs, N.J.]
- KAY, Martin; GAWRON, Jean Mark; NORVIG, Peter. *Verbmobil: A Translation System for Face-to-Face Dialog*, CSLI Lecture Notes, No. 33, Stanford, Calif.: Center for the Study of Language and Information, 1994.

ROCHA, Paulo; SANTOS, Diana. "CLEF: Abrindo a porta à participação internacional em avaliação de RI do português". In: Santos, Diana (ed.), *Avaliação conjunta: um novo paradigma no processamento computacional da língua portuguesa*. Lisboa: IST Press, p. 143-158, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologies of the South. Justice against Epistemicide*. Boulder - London: Paradigm Publishers, 2014.

SANTOS, Diana. "Um olhar computacional sobre a tradução". *Terminologie et Traduction* 2, p. 124-137, 1999. Disponível em:

<http://www.linguateca.pt/Diana/download/Santos99TeTimpresso.pdf>

SANTOS, Diana. *Translation-based corpus studies: Contrasting Portuguese and English tense and aspect systems*. Amsterdam/New York, NY: Rodopi, 2004.

SANTOS, Diana. "A tradução na sociedade do conhecimento OU Tradução: uma tecnologia humana de ponta OU Ciência e Tradução". In *Actas do IX Seminário de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa 2006 "Ciência e Tradução"*. Lisboa, União Latina, 2007. Disponível em:

<http://www.linguateca.pt/Diana/download/SantosSeminTradCiencia2006actas.pdf>

SANTOS, Diana. "Tradução técnica, terminologia e criatividade". In: Aparecida Negri Isquerdo & Giselle Mantovano Dal Corno (eds.), *Ciências do léxico*, Vol. VIII, Editora da UFMS, 2017.

SANTOS, Diana; CARDOSO, Nuno. "Portuguese at CLEF 2005: Reflections and Challenges". In: Carol Peters (ed.), *Cross Language Evaluation Forum: Working Notes for the CLEF 2005 Workshop (CLEF 2005)* (Vienna, 21-23 September 2005). Disponível em:

<http://www.linguateca.pt/Diana/download/SantosCardoso-CLEF2005WN.pdf>

SCHLEIERMACHER, Friedrich. "Über die verschiedenen Methoden des Uebersetzens". 24 de junho de 1813, Berlim. Disponível em:

<http://users.unimi.it/dililefi/costazza/programmi/2006-07/Schleiermacher.pdf>

SNELL-HORNBY, Mary. *The Turns of Translation Studies: New paradigms or shifting viewpoints?* Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2006.

STEINER, George. *After Babel: aspects of language and translation*. Oxford: Oxford University Press, 1992 [1a edição, 1975].

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. Revised edition: Abingdon, Oxon, UK: Routledge, 2008 [1a edição, 1995].

WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis: Uma crônica da tradução no Brasil*. Rocco, Rio de Janeiro, 2003.